

# ASPECTOS DA CRÍTICA NIETZSCHIANA À MORAL DA COMPAIXÃO DE SCHOPENHAUER

BRUNA DUTRA FERNANDES - Mestranda em Filosofia pela  
Universidade Federal Fluminense (UFF).  
brunadutraf@yahoo.com.br

*Resumo:* Com o objetivo de investigar aspectos da crítica de Nietzsche à moral da compaixão de Schopenhauer, recorreremos, principalmente, aos textos de *Além do bem e do mal* de 1886 e a *Genealogia da moral* de 1887. Em *Ecce Homo* de 1888, Nietzsche explicita o caráter fundamental de *Além do bem e do mal*: “este livro é, em todo o essencial, uma crítica da modernidade”. Sobre *Genealogia da moral* – como complemento do escrito de 1886 – descreve que representa um trabalho decisivo e preliminar ao seu projeto de uma transvaloração de todos os valores. Nesse projeto, a partir de uma crítica da tradição metafísica, Nietzsche se opõe deliberadamente à moral schopenhaueriana da compaixão, por ele considerada como expressão da doença da vontade que se volta contra a vida. Em decorrência da constatação dessa doença, a filosofia nietzschiana tenta superar a moral da compaixão a favor da criação de novos valores

*Palavras-chave:* Moral. Vida. Vontade.

“em quase toda a Europa de hoje há uma doentia sensibilidade e suscetibilidade para a dor, assim como um irritante destempero no lamento, um embrandecimento que se adorna de religião e trastes filosóficos para parecer coisa elevada – há um verdadeiro culto do sofrer. O que primeiramente salta à vista, quero crer, é a invirilidade daquilo que em tais círculos fanáticos é batizado de “compaixão”. – Essa espécie novíssima de mau gosto deve ser proscrita de modo enérgico e radical”<sup>1</sup>.

**N**o pensamento de Nietzsche, a história do pensamento filosófico ocidental, da filosofia socrático–platônica até a modernidade, é caracterizada pela *vontade de verdade*, em decorrência, pela crença na unidade, na finalidade, num fundamento derradeiro, numa causa, num substrato a partir do qual se justifica a realidade. Em Schopenhauer, a vontade é o *princípio íntimo de toda vida* e, como um querer infundável, desejo incessante, incompletude permanente; por isso é considerada a fonte de toda dor, desassossego e sofrimento.

Conforme Schopenhauer, a vontade, após ter se objetivado nos múltiplos reinos naturais, ao atingir o conhecimento de si no homem paira na possibilidade de se afirmar ou de se negar. Pois bem, sua afirmação se dá quando apesar da percepção do sofrimento como base de toda vida ainda sim se afirma o querer viver<sup>2</sup>. Schopenhauer na medida em que visa como mais plausível, à negação da vontade, indica a compaixão como uma saída para a questão do sofrimento.

No entendimento nietzschiano, o sofrimento na modernidade é “sempre lembrado como o primeiro argumento contra a existência, como o seu maior ponto de interrogação”<sup>3</sup>. Ao passo disso, alerta Nietzsche que é a partir da postura de fuga e negação do sofrimento que a moral da compaixão soergue na época moderna *como conforto da vida presente*<sup>4</sup>. Não obstante, para Nietzsche a moral da compaixão de Schopenhauer é expressão do verdadeiro movimento de *décadence* na moral.

A significação metafísica da compaixão<sup>5</sup>, enquanto suspensão da diferença entre o eu e o não-

<sup>1</sup> NIETZSCHE, *Além do bem e do mal; prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução, notas e prefácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, 293, p. 177.

<sup>2</sup> Segundo Schopenhauer: “dizer que a vontade se afirma, eis o sentido dessas palavras: quando, na sua manifestação, no mundo e na vida, ela vê a sua própria essência representada a si mesma com plena clareza, esta descoberta não para de modo nenhum o seu querer: ela continua todavia a querer esta vida cujo mistério se desvenda assim perante si, já não como no passado, sem se dar conta, e através de um desejo cego, mas com conhecimento, consciência, reflexão” (SCHOPENHAUER. *O mundo como vontade e representação*. Tradução de Jair Barbosa. São Paulo: UNESP, 2005, p. 300)

<sup>3</sup> NIETZSCHE, *Genealogia da moral; uma polêmica*. Tradução, notas e prefácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, II, 16, p. 5.

<sup>4</sup> *Ibid*, p. 90

<sup>5</sup> Sobre a moral da compaixão de Schopenhauer, Georg Simmel em seu livro *Nietzsche & Schopenhauer*, p. 146, diz: “o sentido da teoria de Schopenhauer não está em que o Eu, ao causar dano ao Tu, causa dano a si mesmo e, ao favorece-lo, favorece a si mesmo. A ação altruísta suprime a diferença entre Eu e Tu, favorecendo o Ser inteiro, impessoal, indiferenciado. Quando Schopenhauer declara sua fórmula mais geral da moral – “não cause dano a ninguém, ajude todos na medida de suas forças”- aparentemente ele ensina o moralismo trivial dos homens bons, aqueles dispostos a ajudar os demais. Na verdade, porém, essa fórmula descreve somente o aspecto

eu, uma efetivação do “não-egoísmo”, representa, para Schopenhauer, a base de toda justiça, de todo valor moral<sup>6</sup>. Em Nietzsche, a crítica da estimação do valor da compaixão, uma *espécie novíssima de mau gosto*<sup>7</sup>, encontra-se inserida no contexto de crítica a toda moral. Em última instância, ao questionar o valor da moral da compaixão, Nietzsche pretende demonstrá-la como uma moral que empobrece a vida, afirmando ao passo disso que a negação schopenhauriana da vontade, bem como a moral foi até então formulada, provêm de um instinto de conservação, o instinto da moral de rebanho.

“moral é hoje, na Europa, moral de animal de rebanho: - logo, tal como entendemos as coisas, apenas uma espécie de moral humana, ao lado da qual, antes da qual, depois da qual muitas outras morais, sobretudo mais elevadas, são ou deveriam ser possíveis”<sup>8</sup>.

Como indica essa passagem de *Além do bem e do mal*, Nietzsche, a despeito de considerar a moral de rebanho como expressão de um instinto de decadência da vida, não propõe uma abolição da *moral* mesma ou do *dever*. Ao invés disso, aponta para a possibilidade de morais mais elevadas. A questão crucial para o filósofo é em que medida os valores morais conservam ou promovem, negam ou afirmam a vida. Assim sendo, a crítica nietzschiana da moral da compaixão destina-se a evidenciar, por meio da pergunta por seu valor, de que modo ela obstrui ou promove a vida.

Como posto de antemão, para Schopenhauer, a compaixão é a base de toda justiça, é a partir do sentimento de identidade com o outro, é por meio da efetivação do “não-egoísmo”, que nascem todas as ações de valor moral. Em contraposição, Nietzsche entende a moral como um problema e, anunciando uma “nova exigência”, coloca em questão o próprio valor dos valores: “necessitamos de uma crítica dos valores morais, o *próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão*”<sup>9</sup>.

A pergunta pelo valor dos valores exige o conhecimento das condições de sua origem e desenvolvimento, o que supõe a possibilidade de destituir a moral de supostos valores inquestionáveis. Pelo viés dessa perspectiva de investigação, Nietzsche considera que a ética de Schopenhauer, assim como as precedentes, possui como pano de fundo a crença metafísica na oposição de valores na qual um

---

prático, exterior, da conduta moral. No fundo e no essencial, o que importa não é a ação entre o Eu e o Tu, que pressupõe a separação de ambos, mas sim que se revele a não separação de ambos, de modo que a ação suprima seu próprio pressuposto”.

<sup>6</sup> A esse respeito, Jair Barbosa nos diz: Schopenhauer “identifica a compaixão como o único fundamento possível de uma ação genuinamente dotada de valor moral” BARBOZA, Jair. Schopenhauer. Rio de Janeiro: Jorge Zaar, 2003, p. 21

<sup>7</sup> NIETZSCHE, Genealogia da moral; uma polêmica. Tradução, notas e prefácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, prólogo, 6, p. 12

<sup>8</sup> NIETZSCHE, Além do bem e do mal; prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução, notas e prefácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, 47, p. 89.

<sup>9</sup> NIETZSCHE, Genealogia da moral; uma polêmica. Tradução, notas e prefácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, Prólogo, 2, p. 12.

valor é superestimado – neste caso, o não egoísmo – em detrimento de outro, e caracterizam-se pela investigação do fundamento das ações morais.

Toda moral, alega Nietzsche, se baseia na crença fundamental dos metafísicos, qual seja: a crença nas oposições de valores. À vista disso, sublinha que a crença na oposição entre egoísta e não egoísta, antagonismo característico da moral da compaixão, se impôs progressivamente à consciência humana de forma concomitante ao declínio de valores *aristocráticos e nobres*<sup>10</sup>. E, entrevendo o intuito de criação de novos valores, em Genealogia da moral define o que para ele foi determinante na análise da moral:

“no fundo interessava-me algo bem mais importante do que resolver hipóteses, minhas ou alheias, acerca da origem da moral (mais precisamente, isso me interessa apenas com vista a um fim para o qual era um meio entre muitos). Para mim, tratava-se do valor da moral – e nisso eu tinha de me defrontar sobretudo com o meu grande mestre Schopenhauer”<sup>11</sup>

Nesse escrito, Nietzsche indica o motivo decisivo de seu confronto com o grande mestre. Schopenhauer, assim como seus predecessores, não teria problematizado a moral, isto é, não teria posto em questão o próprio valor dos valores morais. Em contraposição à moral schopenhaueriana da compaixão, que se baseia no aniquilamento do egoísmo, considera que as tentativas para esse fim são fadadas ao fracasso, uma vez que, não sendo possível suprimi-lo, o egoísmo, pelo exercício da compaixão, apenas muda de direção, apenas é interiorizado.

Considerando essa interiorização como nefasta, Nietzsche afirma que a moral da compaixão diminui o homem e ressalta, assim sendo, que “há problemas mais elevados do que dor, prazer e compaixão”<sup>12</sup>. No horizonte de seus últimos escritos, notifica que dor e prazer seriam apenas estados concomitantes e dados secundários, e não como pensa Schopenhauer, referências valorativas. Em seus termos:

<sup>10</sup> Na primeira dissertação de Genealogia da moral, Nietzsche alega: “é somente com um declínio dos juízes de valor aristocráticos que essa oposição “egoísta” e “não egoísta” se impõe mais e mais à consciência humana” - Tradução, notas e prefácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 19 -.

<sup>11</sup> NIETZSCHE, Genealogia da moral; uma polêmica. Tradução, notas e prefácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, prólogo, 5, p. 11.

<sup>12</sup> NIETZSCHE, Além do bem e do mal; prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução, notas e prefácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, 47, p. 118

“prazer e desprazer são coisas secundárias, não causas; são juízos de valor de segunda classe, que decorrem antes de um valor que governa; um valor que se pronuncia na forma do sentimento, “útil”, “danoso” e, conseqüentemente, absolutamente fugidio e dependente. (...) desprezo esse pessimismo da sensibilidade: ele é sinal de um profundo empobrecimento da vida”<sup>13</sup>.

Portanto, para Nietzsche, avaliar a vida destacando como seus polos oposto a dor e o tédio é sinônimo de empobrecimento, pois, a vida não se restringe necessariamente à oscilação entre prazer, em decorrência, dor e tédio assim como supõe Schopenhauer.

Deste modo, Nietzsche vê a moral da compaixão como o pior dos embrandecimentos e debilidades, como depreciação da vida, expressão de um tipo de homem decadente e que, por isso, deve ser superada. Em oposição ao altruísmo moral cujo princípio é, segundo Nietzsche, vontade de negação da vida, princípio de dissolução e decadência<sup>14</sup>, descreve o sentido peculiar que o conceito de compaixão adquire na esfera do homem criativo, aquele cômico de suas energias criadoras.

A compaixão nesse sentido contemplado por Nietzsche é uma espécie de compaixão que atenta para depreciação da vida decorrente da relação doentia do homem moderno com os enigmas e contradições da existência. Por sua vez, esta constatação advém da análise nietzschiana dos valores guiada por uma visão hierárquica.

Para Nietzsche, é impossível haver igualdade entre indivíduos quando estes possuem quantidade de força e medidas de valor<sup>15</sup> não idênticas. A partir dessa compreensão, sublinha que apenas frente aos iguais existem deveres. Em vista disso, afirma que a moral da compaixão, posta como uma alternativa para a existência dos que sofrem, e, enquanto expressão de uma moral do ressentimento, seria essencialmente uma moral de utilidades<sup>16</sup>, marca do pessimismo schopenhaueriano que identifica vida e sofrimento.

Considerando o princípio da moral da compaixão, como um princípio de decadência da vida, e anunciando a necessidade de proscriver de modo enérgico e radical essa espécie novíssima de mau gosto, Nietzsche assevera:

<sup>13</sup> NIETZSCHE, A vontade de poder. Tradução de Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008, p. 354.

<sup>14</sup> NIETZSCHE, Além do bem e do mal; prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução, notas e prefácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, 259, p. 154.

<sup>15</sup> Ibid, p. 154.

<sup>16</sup> Ibid, p. 158.

“aqui devemos pensar radicalmente até o fundo, e guardamo-nos de toda fraqueza sentimental: a vida mesma é essencialmente apropriação, ofensa, sujeição do que é estranho e mais fraco, opressão, dureza, imposição de formas próprias, incorporação e, no mínimo e mais cometido, exploração (...) vida é precisamente vontade de poder”<sup>17</sup>.

Em oposição a Schopenhauer e à tradição filosófica, Nietzsche extrai da noção de vontade de poder um novo pensamento sobre a vida. Afirma que “existem alturas da alma, de onde mesmo a tragédia deixa de ser trágica (...) o que serve de alimento ou de bálsamo para o tipo superior de homem, deve ser quase veneno para um tipo bem diverso e menor”<sup>18</sup>. Como expõe em *Genealogia da Moral*, no homem nobre, o tipo superior de homem, “há excesso de força plástica, modeladora, regeneradora”<sup>19</sup>, por isso, as resistências e contradições são, para eles, construtivas e até mesmo necessárias.

Já o tipo de *homem bem diverso e menor* diante dos aspectos trágicos da vida, por imperarem nele forças reativas e o instinto de conservação, condena a existência. Impotentes para criar novos valores, esse tipo decadente de homem – do qual faz parte o homem da moral da compaixão – se restringe à criação de ideais e à re-criação de valores.

Com a teoria afirmativa da vontade de poder, expressão do modo nobre de avaliar a vida, Nietzsche propõe uma afirmação da vontade de vida, um dizer Sim à vida mesma em suas contradições mais cruéis. Para além do sofrimento e compaixão, a filosofia nietzschiana aponta para a afirmação do si próprio, do particular, individual e intransponível como a própria fonte de prazer do eterno vir-a-ser de todas as coisas. À medida que a vida é concebida como vontade de poder, um ter e querer ter mais, crescimento, a superação de impulsos e afetos empobrecedores seria a própria realização do mais profundo sentido da vida.

Olhar a vida pela ótica da afirmação da vontade de poder – ponto de partida para a criação de novos valores – significa a afirmação de um querer crescer, “atrair para si, ganhar domínio – não devido a uma moralidade ou imoralidade qualquer, mas porque vive, e vida é precisamente vontade de poder”<sup>20</sup>, implica pensar a existência não mais condicionada ao alcance de quaisquer finalidades.

Vida, no sentido positivo de vontade de poder, possui o caráter de vida como criação o que requer o domínio das forças criadoras sobre as forças inferiores de adaptação e conservação<sup>21</sup>. Isso

<sup>17</sup> Ibid, p. 155.

<sup>18</sup> NIETZSCHE, Além do bem e do mal; prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução, notas e prefácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, 30, p. 35.

<sup>19</sup> NIETZSCHE, Genealogia da moral; uma polêmica. Tradução, notas e prefácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, 10, p. 31

<sup>20</sup> NIETZSCHE, Além do bem e do mal; prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução, notas e prefácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, 259, p. 155.

<sup>21</sup> Rosa Dias, em Amizade Estelar, escreve: “Nietzsche elabora o conceito de vida como “vontade criadora” (schaffender Wille) a

significa que, a afirmação da vontade no sentido nietzschiano requer o colocar-se afirmativamente diante do fatalismo da vida, o abrir-se para a criação do novo e de si próprio, o desprender a existência do domínio das amarras do idêntico, do mesmo, da conservação, pois, a vida é “essencialmente apropriação, (...) imposição de formas próprias, incorporação e, no mínimo e mais cometido, exploração”.

Ao se opor ao ideal de suspensão da dor por meio da negação da vontade, Nietzsche busca destacar a possibilidade de esculpir, de forjar novas perspectivas afirmadoras da vida. Expõe que no prisma dos que mantêm o pathos da distância, ou seja, dos que acreditam em hierarquia e não em igualdade, no homem de vontade forte, as resistências impressas no querer são necessárias para a efetivação dos impulsos mais fortes e criadores, nas palavras de Zaratustra “o querer liberta, pois querer é criar: assim ensino eu. E somente a criar deveis aprender”<sup>22</sup>.

Desse modo, a espécie de homem, dotado do que Nietzsche denomina consciência de artista, isto é, de criador de novos valores, não possui a intenção de suspender o sofrimento, pelo contrário, utiliza-o como elemento criativo e, como sinal distintivo, possui a fé em si mesmo, o orgulho de si mesmo.

Como característica de toda época forte, de morais mais elevadas, Nietzsche aponta para o pathos da distância, para o reconhecimento da distância entre um ser humano e outro, entre as classes - “a multiplicidade de tipos, a vontade de ser si próprio, de destacar-se, (...) isso é característico de toda época forte”<sup>23</sup>, e não a ““compaixão para com todos” : – isto seria dureza e tirania com você, caro próximo”<sup>24</sup>. A despeito disso, sublinha que também o homem da vontade forte ajuda o infeliz, não ou quase não por compaixão, nem por desinteresse, mas por excesso de força, poder, por excesso de vida.

No limite, a crítica nietzschiana da moral da compaixão, inserida no contexto da crítica das categorias metafísicas do pensamento lógico, isto é, causalidade, finalidade, identidade, visa, num primeiro momento, a apontar para o caráter ficcional da crença na vontade como princípio fundamental e, por fim, para as consequências nocivas dessa crença. Nietzsche alega que não há uma vontade como coisa em si, a crença no em si seria fruto do dualismo filosófico inaugurado pela filosofia socrático - platônica, da crença num princípio incondicionado e da sedução por parte da gramática.

Na vida real, diz Nietzsche, há apenas vontades fortes e fracas<sup>25</sup>. A vontade forte seria ex-

---

partir da arte, “o grande estimulante da vida”. o seu conceito de vida como vontade de potencia, adquire, então, a significação de vontade criadora quando as forças criadoras predominam sobre as forças inferiores de adaptação e conservação” - DIAS, Rosa. Amizade Estelar: Schopenhauer, Wagner e Nietzsche. Rio de Janeiro: Imago, 2009, p. 86

<sup>22</sup> NIETZSCHE, Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. Tradução e notas explicativas: Mario Ferreira dos Santos. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007, III, p. 27

<sup>23</sup> NIETZSCHE, Crepúsculo dos Ídolos: ou como se filosofa com o martelo. Tradução, notas e prefácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, IX, p. 87.

<sup>24</sup> NIETZSCHE, Além do bem e do mal; prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução, notas e prefácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, 82, p. 64.

<sup>25</sup> NIETZSCHE, Além do bem e do mal; prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução, notas e prefácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, 82, p. 26.

pressão de um querer dominar, vencer, subjugar, fundamentalmente contrária à vontade fraca que, por sua vez, no entendimento de Nietzsche, diz respeito à vontade que institui a moral da compaixão.

Por fim, apoiado na perspectiva de uma consciência de artista e em contraposição a Schopenhauer, Nietzsche considera que a despeito do absurdo, do caos, da infelicidade da alma humana, no homem há força plástica, impulsos criadores, capazes de moldar, de dar novas formas, interpretações às seus sentimentos mais íntimos e nefastos.

Nesse sentido, a filosofia de Nietzsche propõe uma visão distinta da moral schopenhaueriana. Isto é, considerando que prazer e dor não se opõem, em todo prazer está compreendida dor, Nietzsche propõe vida como uma criação ininterrupta, como um eterno fazer, uma eterna efetivação de novas possibilidades de vida<sup>26</sup>.

Em sua obra *Schopenhauer & Nietzsche*, Georg Simmel escreve:

“um deles parte da ideia de que a vida não tem valor; a variedade de suas manifestações expressa a monotonia, com predomínio do sofrimento, diante do qual nossos esforços são inúteis. O outro parte da convicção do valor da vida: toda carência antecede uma apropriação, toda monotonia encobre o jogo de infinitos movimentos, toda dor é indiferente quando comparada ao valor ascendente do Ser e da conduta. Essas convicções de ambos não são saberes teóricos, mas expressões da estrutura fundamental da alma. Não se pode conciliá-las em uma “unidade superior”. O valor daquilo que se poderia denominar sua síntese consiste em reconhecer que a humanidade pôde chegar a sentimentos tão distintos sobre a vida. Se há de haver uma unidade entre ambos; ela deve ser buscada em outro lugar, diferente de seu conteúdo objetivo: no sujeito que propõe ambas as interpretações. Na distancia entre essas interpretações, e sem que seja necessário inclinar-se a alguma das duas posições, percebe-se uma ampliação da alma e até se pode abraçar e desfrutar da desesperação da vida ou do júbilo da vida como polos de sua grandeza, de sua força, da riqueza de suas formas”<sup>27</sup>

<sup>26</sup> Sobre a concepção de vida enquanto criação em Nietzsche, Rosa Dias enuncia: “é importante dizer que o ato da criação para Nietzsche não tem o intuito de melhorar a humanidade. Em *Ecce Homo*, ele deixa bem clara sua ideia de que a última coisa que prometeria seria melhorar a humanidade” - DIAS, Rosa. *Amizade Estelar: Schopenhauer, Wagner e Nietzsche*. Rio de Janeiro: Imago, 2009, p. 90

<sup>27</sup> SIMMEL, Georg. *Schopenhauer e Nietzsche*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011



## **REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA:**

BARBOZA, Jair. Schopenhauer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SIMMEL, Georg. Schopenhauer e Nietzsche. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

DIAS, Rosa. Amizade Estelar: Schopenhauer, Wagner e Nietzsche. Rio de Janeiro: Imago, 2009.

GIACOIA, Oswaldo. Nietzsche X Kant: uma disputa permanente a respeito da liberdade, autonomia e dever. São Paulo: Casa do saber, 2012.

AZEREDO, Vânia Dutra de Azeredo. Nietzsche e a aurora de uma nova ética. São Paulo: Humanitas; Ijuí: Unijuí, 2008.

\_\_\_\_\_. Nietzsche e a dissolução da moral. São Paulo: Discurso Editorial e Editora UNIJUÍ, 2000.

SCHOPENHAUER. O mundo como vontade e representação. Tradução de Jair Barbosa. São Paulo: UNESP, 2005.

NIETZSCHE. Além do bem e do mal. Tradução, notas e prefácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. Crepúsculo dos Ídolos. Tradução, notas e prefácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. Genealogia da Moral: uma polêmica. Tradução, notas e prefácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. Assim falava Zaratustra; um livro para todos e para ninguém. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.